



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR:
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
≡ RITA ≡

ERA UMA VEZ

História de um Rei Mau e de uma Princesa Boa

Por GILBERTO DUARTE DA COSTA

Desenhos de A. CASTANÉ

ERA uma vez um rei muito rico e muito mau que tinha uma filha muito boa. O rei tinha palácios, tinha um leito de ouro, tinha flores, jardins e minas de brilhantes mas não tinha coração. A princezinha gostava do pai mas tinha pena de o ver fazer tantas maldades, tantas, tantas que nem se podiam contar: mandava cortar a cabeça a todos os que não lhe faziam a vontade, batia nos criados até estes ficarem a escorrer sangue, maltratava os bons e não era capaz de dar cinco réis a um pobre a pesar de ser tão rico. Só tinha neste mundo uma paixão boa: — a filha. Tudo o que ela fizesse estava bem, tudo lhe parecia pouco para ela.

Um dia houve no Palácio Real uma grande festa. Vieram reis e príncipes de todo o mundo, princesas de todos os reinos, mas nenhuma era tão linda como a Princesa Sol, filha do rei Trovão (assim lhe chamava o povo).

Foi linda a festa. Para enfeitar o Palácio o rei mandou cortar todas as flores dos jardins mas, como o jardineiro tivesse também cortado, por en-

gano, as rosas brancas dum roseira que a princezinha plantara, o Rei Trovão, furioso, mandou cortar-lhe a cabeça. Imediatamente começaram a nascer rosas na roseira mas, em vez de serem brancas, eram vermelhas como o sangue do pobre jardineiro.

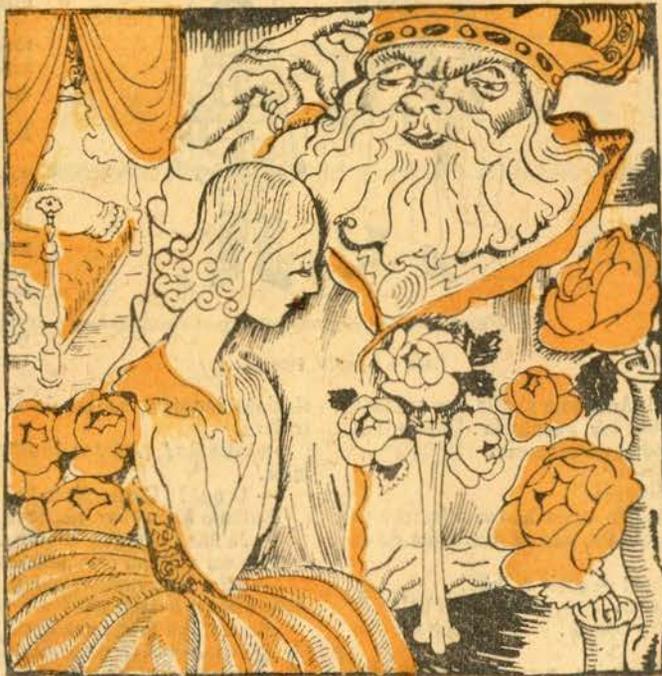
A princezinha, quando soube o que tinha acontecido, ficou tão triste, chorou tantas lágrimas que, desgostosa, foi meter-se nos seus aposentos e não quiz assistir ao final da festa.

O Rei, muito triste, chegou à porta do quarto da prince-

sa, que se tinha fechado à chave, e suplicou-lhe:

— «Minha filha, abre a porta e vem comigo. A festa, sem ti, perdeu toda a alegria. Que te im-

(Continua na página 8)



Do livro **Aventuras de Mariazinha** por

FERNANDA DE CASTRO
Com desenhos de **Sára Afonso**

Transcrevemos o primeiro capítulo deste lindo romance infantil, ao qual faremos uma referência crítica no próximo número, recomendando o livro, desde já, aos nossos pequeninos leitores.

I

CHEGADA A LISBOA

Beijos e abraços — Preto Vicente — Branco mau querer matar mim! — A' sombra das amoreiras — Branco amavel di mais — Arroz doce e leite creme — O bolo de arroz

CHEGOU, finalmente, o momento do desembarque. Emfim! Que delicioso momento! A Manoela, o Chico, o João, o primo José Fernando, as tias, as primas, os amigos, acenavam delirantemente com os lenços. E, quando puzeram os pés em terra, foi uma chuva de beijos, de abraços, de perguntas, de lágrimas de felicidades...

Mariazinha (1), a nossa terrível Mariazinha, acompanhada pelos pais e pelo Afonsinho, depois duma estada de alguns meses na Guiné, acabava de pôr o pé em terra firme, sempre endiabrada e mais amiga de fazer tolices do que nunca.

Os irmãos que tinham ficado na quinta — a Manoela, o Chico e o Joãozinho — não se cançavam de fazer-lhe perguntas à toa:

- Então gostaste?
- Viste muito leões?
- Mataste algum tigre?
- Comeste muitas bananas?
- Viste algum antropofa?
- Algum quê? — perguntou

ao João que ficou muito corado ao perceber que tinha dito asneira.

— Sei lá! — respondeu Joãozinho vexado. — «Pretos que comem gente», é o que eu quero dizer...

— Ah, sim, já sei!... — e Mariazinha continuou logo muito depressa, não fôsem os pais ouvir a mentirola:

— Não vi eu outra coisa! Andavam por lá aos centos! Duas ou três vezes estive para ser apanhada! Depois lhes conto... — e, á cautela, mudou de conversa.

— Mariazinha desatou a rir:

Choviam os beijos e os abraços.

Que alegria! Os pais, que não viam há tanto tempo, os filhos que tinham ficado na quinta, não se cançavam de os mirar e remirar.

— O Chico está um homem! — dizia a mãe!

— E o João engordou muito... — respondia o pai.

— E a Manuela como está bonita! — concordavam ambos.

Passadas as primeiras expansões, um dos tios propôs.

— Agora o melhor que temos a fazer é irmos para casa. Os pequenos já devem ter fome.

— Eu estou capaz de comer um leão — disse Mariazinha.

— Pudera! Agora, como foste à Africa, já não te contentas senão com leões! — respondeu logo o primo Zé que não ligava lá muita importância à prima.

Os tios, entretanto, chegaram com os automóveis. Então, quando se preparavam para deixar o cais, os meninos desataram a rir a bandeiras despregadas.

— É o Vicente! — exclamou Mariazinha. — É o nosso belo Vicente!

Realmente, de sobrecasaca e calça branca, gravata encarnada e rosa branca ao peito, descalço, com as botas debaixo do braço, Vicente, o nosso Vicente, cumprimentava graciosamente os meninos, de *palhinhas* na mão, dizendo no seu melhor português:

— *Bôs dias! Bôs dias Mim estar contente! Mim gostar terra di branco!*

E, com grande gaudio de todos, pôs-se a abraçar os meninos, com risadinhas de praser (1).

— Meninos! Despachem-se! Estão os carros à espera!

Então lá se arrumaram todos como puderam, Mariazinha e o Afonsinho, com os tios e o Zé Fernando; a Manoela, o Chico e o João, com os pais; as tias e as primas no terceiro carro.

De repente ouviu-se um grande grito agudo que mais parecia um guincho de macaco.

— É o Vicente! — E Mari-

riazinha inquieta, saltou do automóvel e foi ver de que se tratava.

— *Minina! Minina! Branco mau querer matar mim!*

— O quê?! O que dizes tu?

Então o *chauffeur* explicou:

— Já não sei o que hei-de fazer! Cada vez que ponho o carro em marcha este demónio desata aos gritos...

— *Mim não querer carro bruto! Mim ser coitado! Mim querer ir com pés!*

Mariazinha teve pena desta atrapalhão e decidiu:

— Bom. Vem cá para fóra. Onde está a mala?

— *Estar aqui, minina!*

— Então não a percas. — Mariazinha voltou-se para um dos carregadores e entregou-lhe Vicente:

— Mande-o na carroça das bagagens. É mais simples.



Este é o preto Vicente...

(1) «Lêr Mariazinha em Africa».

(1) Lêr «Mariazinhas em Africa», da mesma autora.

Uma hora depois, já na velha casa de família, enquanto as pessoas crescidas conversavam, enquanto as criadas punham na mesa pratos e pratos de arroz doce, de farófias e de leite crême, os meninos recomeçavam, debaixo da velha amoreira da quinta, as suas alegres brincadeiras de sempre.

E, sobre as suas cabeças doiradas, leves como ventoinhas, brilhava de novo o sol, o lindo sol de Portugal!

— E o Vicente? — perguntou de repente o João. — Como é que o pai se resolveu a trazê-lo?

— Olha, foi assim... — respondeu Mariazinha, principiando logo a contar.

«No dia da partida ia lá por casa uma grande barafunda e os criados vieram todos despedir-se com lágrimas nos olhos. Diziam que nunca tinham tido uns patrões tão bons como os nossos pais porque nunca lhes tocaram nem com um dedo, e porque traziam sempre a barriga chela, o que nem sempre lhes acontecia. Quando chegou a hora da partida puzeram-se todos aos gritos e, então, o Vicente deitou-se aos meus pés a gemer: — «Minina, leva Vicente!» O paizinho, vendo esse desgosto, enterneceu-se e disse-lhe:

«— Porque não te lembraste mais cedo? Agora já é tarde!

«— Tarde, não, sió capitão!

«— Já não há lugares, homem! — respondeu-lhe o pai.

«— *Mini ajudar cosinheiro di vapó, manga di trabalho para cosinheiro um só!*

«Então o pai resolveu-se a ir falar com o dispenseiro de bordo e Vicente embarcou sem pagar bilhete com a condição de ajudar o cosinheiro».

— E sempre ajudou? — perguntou Manoela.

— Isso sim! Ajudou ao contrário! Apesar de estar sempre enjoado como uma pescada, comeu, como um lóbo, toda a viagem! Não havia nada que o fartsasse.

De repente, uma voz gritou:

— Meninos! Para a mesa!



Vicente, desprezando o garfo e a colher, com um tacho entre os joelhos...

Santa palavra! Levantaram-se todos a correr e lá foram a caminho da casa de jantar, almas contentes e barrigas a dar horas. Ao passarem perto da cosinha ouviram grandes risadas.

— Coisas desse maluco! — disse Mariazinha. Realmente, entre as criadas, mortas de riso, Vicente dançava uma dança diabólica e, ao mesmo tempo, cantava:

*Preto da Guiné,
Preto Vicente,
Então comi é
também ser gente!*

— Deixa-te de cantigas, meu palerma, e vai mudar de roupa. Já sabes onde é o teu quarto?

— *Quarto bonito dimais! Preto já ter cama di branco!*

— Pudera! — disse Mariazinha. — Cá em casa ninguém dorme no chão! Onde puzeste a mala?

Então Vicente, com cara arrepanhada numa grande sorriso, disse enlevado:

— *Minina, branco ser tão amáovel que levar mala a mim sem mim pagar nada! Branco amáovel dimais!*

— Qual branco?! Que história é essa?

— Ora o que há de ser menina?!... — explicou uma das criadas torcendo-se a rir. — Um gatuno qualquer carregou-lhe com a mala e este pateta ainda por cima se desfez em salamaleques.

— *Fazer maleques, fazer, sim, minina! Branco amáovel dimais!*

E aqui está como o bom do Vicente, logo à chegada, foi vítima da sua boa fé de preto bonacheirão.

— Para a mesa! Para a mesa! — E todos à uma, de colheres em punho, se atiraram ao arroz doce em que uma velha criada escrevera, pacientemente, a canela, um a um, todos os nomes dos seus ricos meninos.

Entretanto Vicente, desprezando a colher e o garfo, com um grande tacho entre os joelhos, fazia com as mãos grandes bôlos de arroz que comia regadamente, soltando, de quando em quando, com grande espanto da criadagem, uma grande e sonora gargalhada.



O Avião Junkers

2.ª edição

Linda construção para armar a 3 cores

1\$50

Escreva já um postal pedindo-o à cobrança a

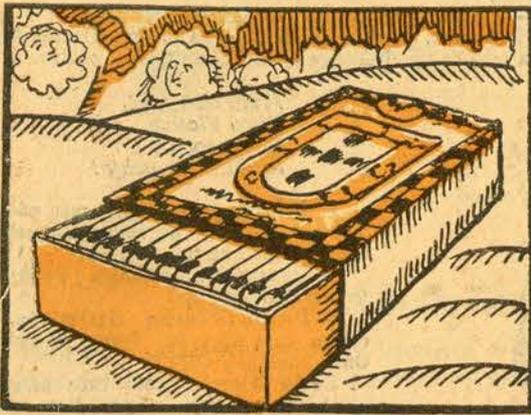
**A. C. LOPES
AMADORA**

DESCONTO A REVENDEDORES

Solução da adivinha anterior:

- 1 — Paxá
- 2 — Paço
- 3 — Para
- 4 — Papa
- 5 — Papá
- 6 — Pata
- 7 — Pala
- 8 — Pada
- 9 — Paga
- 10 — Payo
- 11 — Paio
- 12 — Page
- 13 — Papo
- 14 — Pate
- 15 — Pati

AVENTURAS DE PIM, PAM E PUM por CASTAÑÉ (Continuado do número anterior)



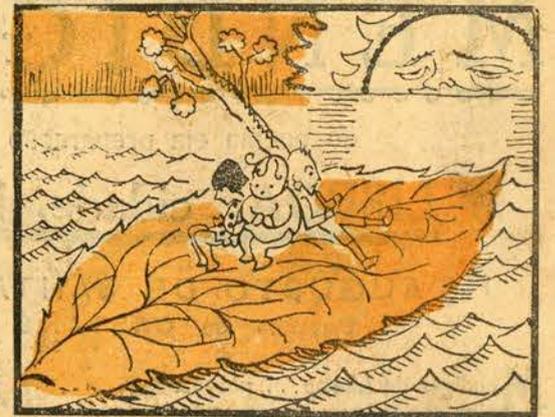
1—Mas Pam estava em maré de sorte e tirou do vestido uma caixa com fósforos que, contra a vontade da Mamã, ela tinha escondido.



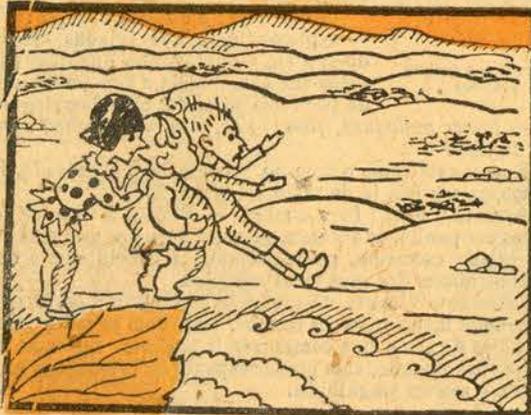
2—E disse aos seus amigos: Aqui está o que nos vai salvar da geada! Como?! E' simples, pega-se fogo ao restolho e pronto!



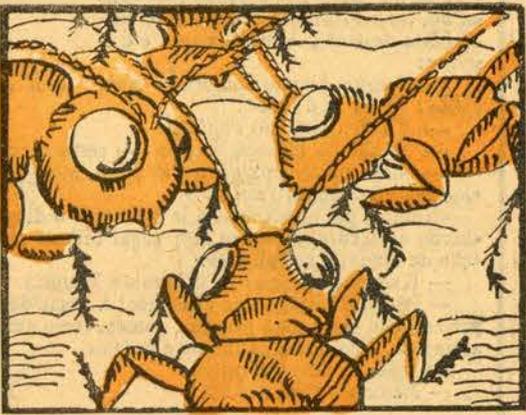
3—E assim foi. Pam acendeu um fósforo e atirou-o para um campo de ervas secas e, daí a nada, levantava-se uma extensa fogueira. Efectivamente, o calor neutralizando a acção do frio salvou as flores e os nossos heróis da morte.



4—As flores, entusiasmadas, levaram-nos em triunfo e encheram-nos de anabilidades; até fizeram uma embarcação, com uma folha de roseira, para eles poderem passear no mar.



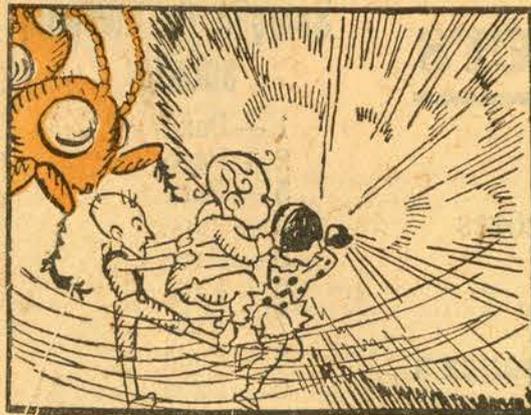
5—Um dia, ao regressarem dum destes passeios e saltarem para terra, deparou-se-lhes um estranho espectáculo. Até perder de vista, tudo era um imenso deserto sem uma flôr nem um arbusto.



6—Só se distinguíam, aqui e ali, algumas manchas escuras. De repente Pim gritou: Uma praga de gafanhotos! Era verdade; e como nessa ilha tudo era de enormes proporções...



9—Elevaram-se a grande altura, e, logo que o vento sossegou, começaram a descer. Mas a situação era crítica. Aos nossos amigos faltavam-lhes já as forças para se manterem agarrados.



7—os gafanhotos eram do tamanho de elefantes. Eles já se tinham apercebido da presença dos três amigos e vinham aos saltos. Uma rajada de vento passou, arrastando uma «galinhola» e Pim, Pam e Pum agarraram-se a ela.



8—Foi Pim, que, confirmando mais uma vez o seu génio de aviador, fez sinal, apenas viu aquele floco de pena branca aproximar-se...



10—E, sem poderem esperar que a «gallinhola» chegasse ao chão, largaram-se. Fatal coincidência! Tinham-se largado, precisamente, sobre a cratera dum vulcão apagado.

(Continua no próximo número)

TIPOS LISBOETAS

MENDIGOS

do poema em preparação

LISBOA, cidade boa

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de CASTAÑÉ

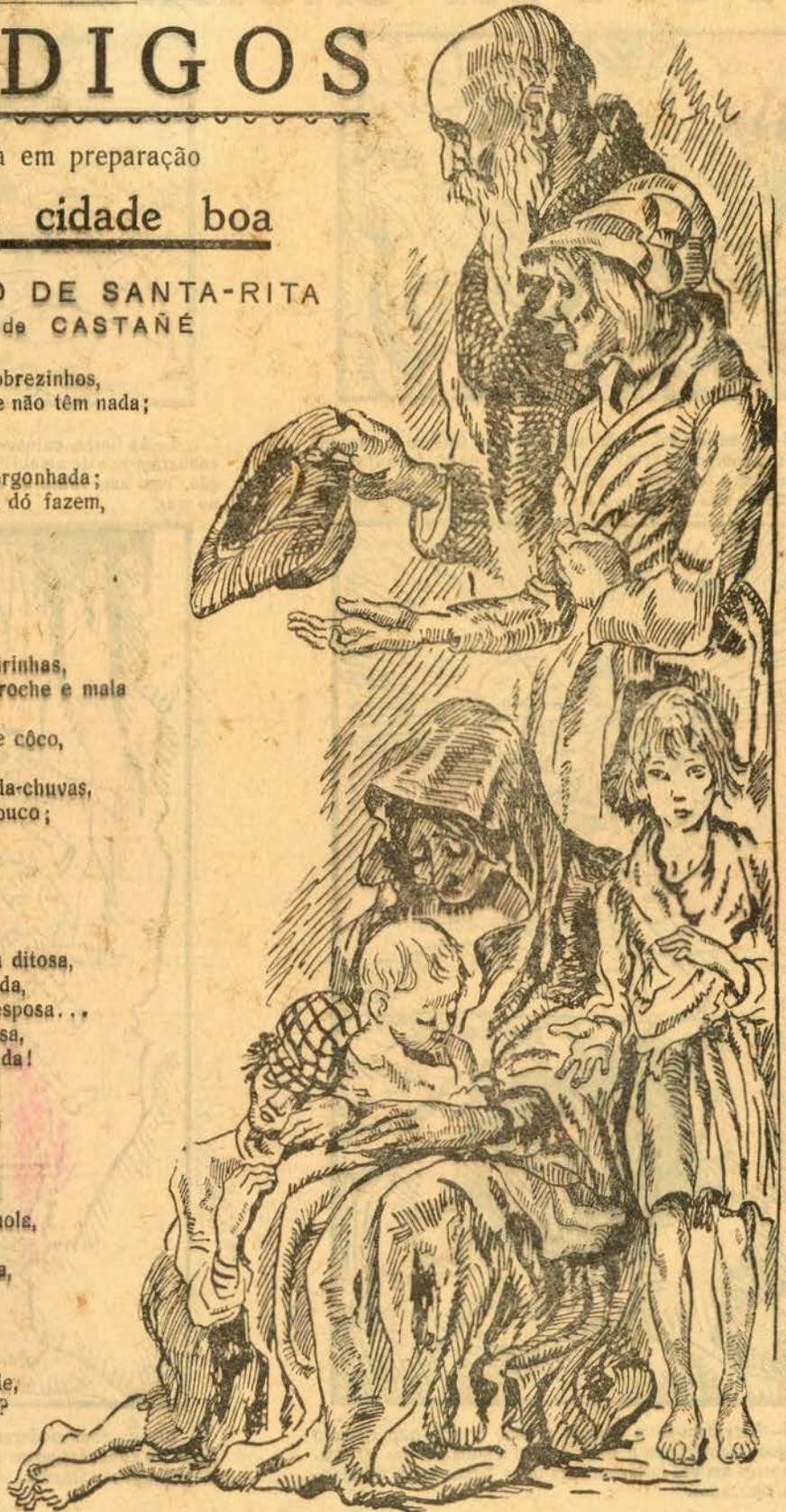
Mendigos de Lisboa... pòbrezinhos,
 pior que pobres pois que não têm nada;
 coitadinhos!
 Alguns aleijadinhos
 e outros, os da pobreza envergonhada;
 e que afinal são os que mais dó fazem,
 pois que consigo trazem
 a miséria doirada!

Alquebradas velhinhas
 já viúvas
 ou que ficaram sempre solteirinhas,
 de «toque» e capa e véu e broche e mala
 e «mitaines» ou luvas;
 trôpegos velhos de chapéu de côco,
 colarinho, gravata,
 «double-cape» polainas, guarda-chuvas,
 tudo no fio, gasto pouco a pouco;
 de bastão
 ou bengala
 com castão
 de latão
 mas côr de prata;
 reliquias de áureo tempo, era ditosa,
 quando viviam numa casa linda,
 e tinham servos, lar, filhos, esposa...
 e a roda da fortuna caprichosa,
 não começara a desandar ainda!

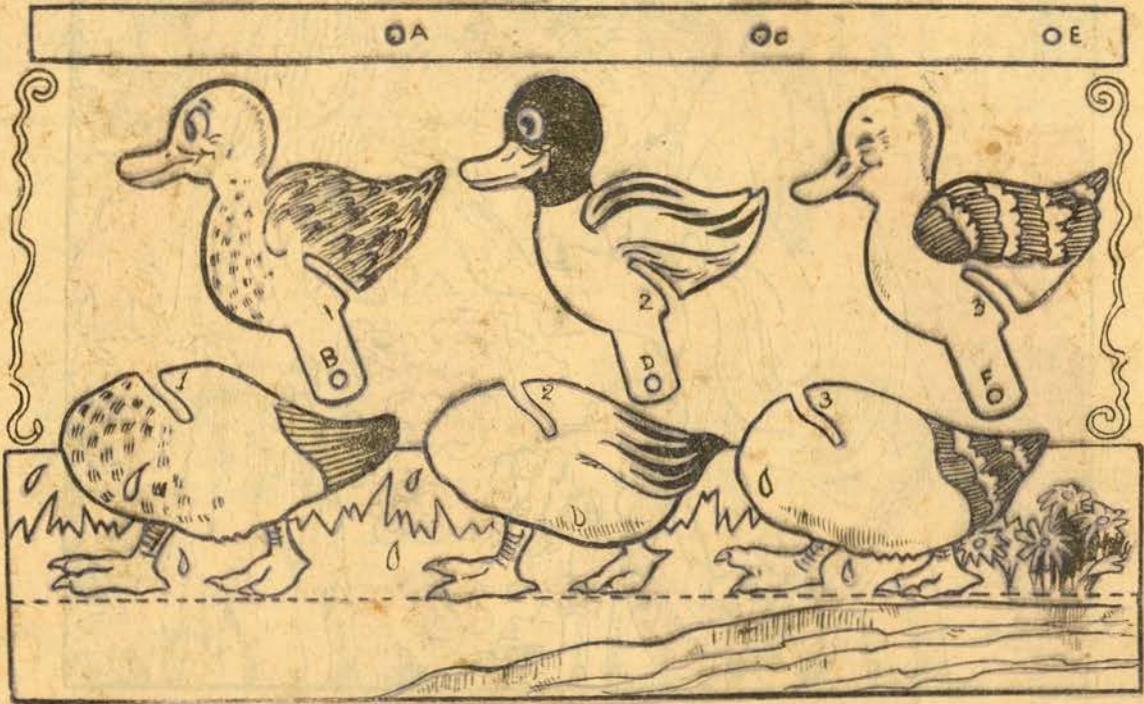
Ei-los... lá vão!... colados
 à parede;
 vêde...

Que envergonhados!
 Balbuciando a súplica da esmola,
 imperceptivelmente
 com a boca abafada pela gola,
 cheios de fome e sede,
 à chuva, ao sol ardente!...

Se Deus só ouve a quem pede,
 como há-de ouvi-los a gente?

FIM

HORA DE RECREIO



OS TRÊS PATINHOS, construção para armar

Colar as figuras em cartão ou cartolina e recortá-las cuidadosamente. Podem ainda colori-las com lapis de cores, para lhes dar melhor efeito.

As patas de vermelho vivo, o corpo de amarelo ou castanho, as ásas e a cauda de verde azulado. A água de azul e o restante de verde.

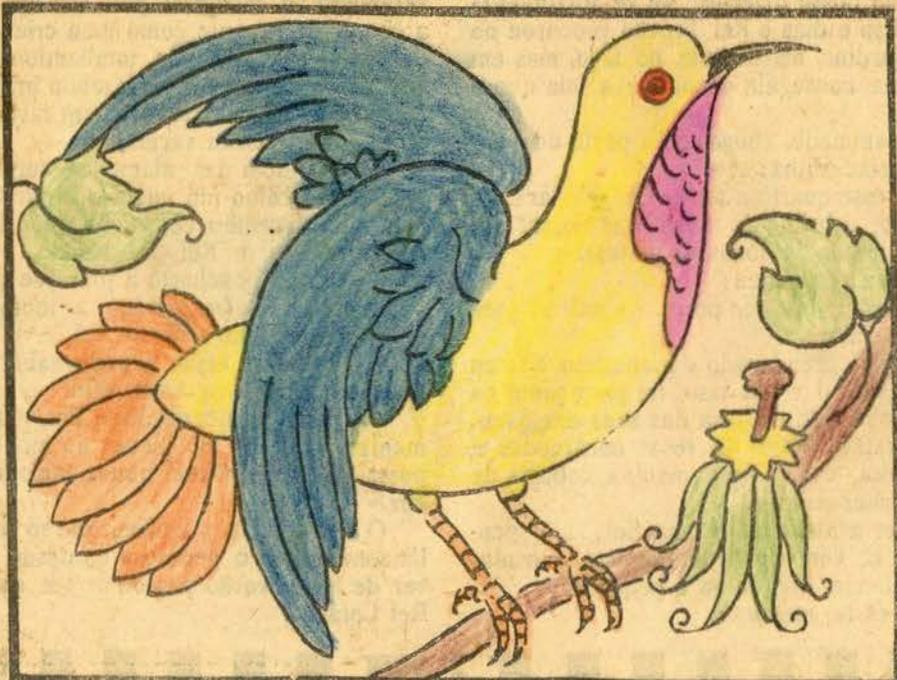
Depois de recortadas, ligam-se por meio de «attaches»

ou pontos de linha, as letras A com B, C com D e E com F. Dobra-se a linha pontuada, em cima da qual eles parecem caminhar, com o desenho para nós.

Metem-se os patos nas fendas que lhes correspondem e andando com o manipulo para a frente e para trás, eles fazem o movimento de ondulação das cabeças como se fossem a andar.

PARA OS MENINOS COLORIREM

A
V
E
D
O



P
A
R
A
I
Z
O



(CONTINUADO DA PAGINA 1)

porta a vida de um miserável jardineiro que se atreveu a matar as rosas que tu fizeste nascer?!»

A princesa não disse uma palavra e mandou-lhe entregar um papelinho que dizia assim:

— «Só tornarei a sair do meu quarto, meu pai, se conseguires encontrar, sem ajuda de ninguém, a riqueza que hoje perdi».

E o Rei foi à porta do quarto perguntar-lhe:

— «Mas que riqueza perdeste, minha filha?!»

— «Isso não posso dizer-te. Vê se adivinhas?»

Durante dias e dias o Rei Trovão procurou no Palácio, nos jardins, na floresta, no lago, mas em parte nenhuma conseguia encontrar a joia que a filha perdera.

Então, desanimado, chegou-se à porta do quarto e disse à princezinha:

— «Deixa êsse quarto e dar-te-hei o colar mais rico do mundo, o brilhante maior das nossas minas, a pérola maior de tôdos os mares».

E a princesa respondeu:

— «Só quero a joia que perdi. As outras, para mim, não têm valôr».

O Rei Trovão, preocupado e tristíssimo, desceu aos jardins e, sem dar por isso, foi para junto da roseira que tinha sido a causa dos seus desgostos. A roseira lá estava cheia de rosas encarnadas e, junto da roseira, estava uma menina, coberta de farrapos, a tremer de frio.

— Deve ter a idade da minha Sol... — pensou o Rei... E, com uma voz bondosa que ninguém lhe conhecia, perguntou à pequena.

— «Quem és tu, menina?»

— «Quem sou? — (respondeu esta com os olhos cheios de lágrimas). — Sou a filha do pobre jardineiro que tu mandaste matar».

Então, deu-se um milagre.

O Rei, que andava triste como a noite, por causa da teima da princesa, fez uma festa na cabeça da menina e jurou recolhê-la e tratá-la, a partir desse dia, como se fôsse também sua filha. Depois, pensando na sua princezinha, que tão severamente o castigava pela sua má acção, pôs-se a chorar de repente como uma criança e, à medida que as lágrimas iam tombando sobre as rosas encarnadas, estas iam-se fazendo brancas de neve, como se as lágrimas estivessem lavando o sangue que as fizera assim vermelhas.

Então, numa das alamedas, surgiu a princezinha, alegre como um pássaro e que abraçou o pai com muito carinho, com mais amor do que nunca.

Entretanto, o Rei, felicíssimo, perguntou-lhe:

— «Então já achaste a joia que perdeste?»

— «Já... — (respondeu a menina...) — Ou antes, o pai é que a achou...»

— «Eu? Ora essa! E pode saber-se o que é? Deve ser coisa de grande valor!»

— «Perdi a alegria, meu Pai, — (respondeu a menina) — e não há tesouro no mundo que se lhe possa comparar. Oxalá nunca mais a torne a perder!»

O Rei percebeu, enfim, que só faria a filha feliz sendo bom e generoso e, desde esse dia, em vez de Rei Trovão passou a ser conhecido pelo Rei Coração.